

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O CINEMA CLÁSSICO DE DOROTHY ARZNER

9 e 22 de Dezembro de 2022

SEHNSUCHT NACH FRAUEN: DOROTHY ARZNER (1897-1979) / 1983

“PENSANDO NAS MULHERES: DOROTHY ARZNER”

um filme de KATJA RAGANELLI

Realização: Katja Raganelli, Konrad Wickler *Argumento:* Katja Raganelli *Fotografia:* Konrad Wickler, Carl Heinz Aussem, Richard Handerson *Montagem:* Alexander Rupp *Com:* Eva Mattes, Heidi Treutler (narradoras, voz off), Esther Ralston, Evelyn Scott.

Produção: Diorama Film Munich GnbH (Alemanha, 1983) *Cópia:* Cinemateca de Munique, DCP, cor e preto-e-branco, versão original em alemão dobrada em alemão nas falas em inglês e legendada electronicamente em português, 45 minutos *Título internacional:* “Longing for Women: Dorothy Arzner (1897-1979)” *Editado em DVD* pela Criterion como “extra” de “Merrily We Go to Hell” (Dorothy Arzner, 1932) *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

Dorothy Arzner não foi mulher de dar muitas entrevistas. Dir-se-ia, aliás, que quase não deixou esse rasto na primeira pessoa. Para memória futura valeram as memórias das muitas pessoas que cruzou nas suas décadas de cinema dos anos 1920 aos 40, dos realizadores e produtores com quem se formou na tarimba da Paramount e outros estúdios – escola mais proveitosa que a de medicina que antes cursou na Califórnia –, dos seus actores e atrizes, dos alunos que marcou na UCLA nos anos 1970 e por aí fora. Teve uma vida preenchida, com não poucas singularidades. A fonte principal da sua história é a entrevista dada, em 1974, a Karyn Kay e Geral Peary, originalmente publicada na revista *Cinema*, nos EUA; no Reino Unido em *Dorothy Arzner: Towards a Feminist Cinema* (BFI, 1975) e em *Woman and Cinema a Critical Anthology* (Dutton, 1977). Deu-a por correspondência, em vários passos, na época em que os seus filmes, em especial *Christopher Strong* (1933) e *Dance, Girl, Dance* (1941), “descobertos” nos depósitos da RKO, conheciam um primeiro momento de resgate pelo prisma dos estúdios feministas. Terá sido na altura em que, impressionada com a personagem de aviadora suicidária de Katharine Hepburn em *Christopher Strong*, Katja Raganelli soube da existência da sua obra e do “apagamento” a que estivera sujeita entretanto.

Katja Raganelli, documentarista alemã nascida em 1939, com estudos no cinema em Munique, tem uma extensa filmografia especialmente incidente em retratos de cineastas: Delphine Seyrig e Agnès Varda (um “retrato de atriz” e um primeiro retrato de realizadora, ambos de 1977), Márta Mészáros, Barbara Loden (*I am Wanda*, de 1980, talvez seja o filme mais conhecido de Raganelli), Joan Micklin, Dorothy Arzner, Mai Zetterling, Jean-Luc Godard (1990), Ingmar Bergman (“retrato das mulheres do cinema de Ingmar Bergman”, 1993), Liv Ullmann, Margarethe von Trotta, Alice Guy-Blaché, Lois Weber ou Lotte Reiniger. É uma filmografia a que se foi dedicando a partir de finais dos mesmos anos 1970 em que o cinema de Arzner voltava a ser projectado e começava a ser estudado. Em 2019 (“Getting to Know Barbara Loden”, numa entrevista a Valeria Rotella a propósito da edição do seu trabalho na Criterion), Raganelli referiu a sua série de retratos de mulheres iniciada com o filme à volta de Agnès Varda (*Les femmes sont de nature créatives: Agnès Varda*), e remontando

posteriormente à pioneira Guy-Blaché (*Alice Guy-Blaché*, 1997), como filmes que pretenderam chamar a atenção para os desafios que o cinema apresentava a uma mulher realizadora. Animada com a presente retrospectiva em Lisboa, Raganelli testemunhou a Rodrigo Nogueira (*Ípsilon* de 2 de Dezembro último) a apreciação dos termos emancipados do cinema de Arzner: “Quase todas as mulheres dos filmes de Dorothy Arzner tomam decisões que vão contra os padrões morais [seus] contemporâneos, que as conduzem ao isolamento ou à morte” sendo muito diferentes das personagens femininas dos realizadores homens “como Ford, Walsh, Cukor ou Hawks, cujos retratos de mulheres ‘livres e positivas’ nasceram de sonhos masculinos”.

Ao contrário do que sucedeu com Barbara Loden e outras suas contemporâneas, Raganelli não teve oportunidade de confrontar Arzner com as suas perguntas nem realizar um filme que registasse esse encontro. Tentou, escrevendo-lhe cartas que ficaram sem resposta uns três anos antes da sua morte acidental em 1979. Está contado em *Sehnsucht nach Frauen*, que é, então, o filme desse desencontro. Realizado postumamente, é um filme que regista uma ausência, acabando por tocar num ponto sensível do percurso retratado, de que são dados factos, imagens e impressões no *in* e no *off* que o conduzem. A par da narração *off*, há os testemunhos de Esther Ralston (actriz de Arzner em *Fashions for Women* e *Ten Modern Comandments*, de 1927, dois dos seus quatro títulos mudos, hoje perdidos) e Evelyn Scott (escritora e argumentista, vizinha de Arzner, aqui apresentada como sua biógrafa autorizada).

No início, o avião que aterriza no deserto de La Quinta, a norte de Palm Springs, “onde Dorothy Arzner passou os últimos vinte anos da sua vida”, traz a equipa alemã e a história desse encontro falhado na casa mandada construir por Arzner para si e para a sua companheira de vida, a bailarina e coreógrafa de teatro e cinema Marion Morgan (1881-1971), quando a saúde desta vacilava, podendo a secura atmosférica de Palm Springs ser-lhe benéfica. Centrando o filme na última casa de Arzner, no meio da aridez e beleza do deserto, Raganelli fixa um “cenário da vida de Dorothy Arzner”, vislumbrando ainda o rasto habitado dessa casa mas também, já, a sua perda: nas visitas posteriores a La Quinta, a casa perdera-se no meio do estaleiro das obras de um novo complexo turístico: “Tinham sido apagados todos os vestígios da vida de Dorothy Arzner.” É então que se escuta Evelyn Scott discorrer sobre a infância traumática da realizadora nascida dois anos depois do cinematógrafo Lumière e criada sem a presença da mãe a partir dos cinco anos de idade na sequência do divórcio dos pais em 1902. Alinhando esta perda precoce com o encontro decisivo com Morgan, o testemunho de Scott e a perspectiva de Raganelli vincam a dimensão emocional do retrato de Arzner esclarecendo, por outro lado, a carga nostálgica do título (que em inglês soa melhor: *longing for women*).

A narrativa bio-filmográfica passa pelos momentos capitais, refere colaborações determinantes, vários dos filmes, material iconográfico e o excerto (em mau estado, na época o material não estava restaurado) do momento antológico do inflamado monólogo da jovem Maureen O’Hara a desancar a plateia masculina que a hostiliza como corista do espectáculo burlesco da penúltima longa-metragem de Arzner em 1941, *Dance, Girl, Dance*. Mas ao procurar o espírito de Dorothy Arzner nas casas que ela habitou – a casa do deserto, mas também a casa art déco de Beverly Hills, em Hollywood projectada por Arzner e Morgan “de acordo com o idel de beleza da Grécia Clássica” – *Sehnsucht nach Frauen* propõe uma espécie de retrato-fantasma assente numa falta de comparência. O que é interessante.

Maria João Madeira